

# 017

## AVALIAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS

SESSÕES TEMÁTICAS



# O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO DESENVOLVIMENTO DA VITIVINICULTURA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOAQUIM

Gabriel Bertimes Di Bernardi Lopes (UDESC)

Janice Mileni Bogo (UDESC)

Sabrina Moreira dos Santos (UFSC)

Thais Figueredo (UDESC)

## RESUMO

A produção de vinhos finos de altitude no Município de São Joaquim, localizado no planalto catarinense foi o objeto desta pesquisa, que teve como objetivo geral analisar o papel das políticas públicas no surgimento da vitivinicultura e no desenvolvimento territorial do município. Para tanto, foram analisadas as políticas públicas que estimularam o dinamismo no setor, possibilitando a incorporação de tecnologia, tornando a atividade extremamente competitiva no estado. O estudo aqui apresentado foi orientado teoricamente e metodologicamente pelas categorias de “formação socioespacial” e “desenvolvimento sustentável”. A hipótese apresentada nesta pesquisa indicou que, a acelerada expansão e a alta competitividade do setor produtor de vinhos finos de altitude em São Joaquim foi resultado de condições naturais, sociais e culturais específicas, entretanto, as políticas públicas federais, estaduais e municipais foram determinantes nesse processo.

*Palavras-chave:* Políticas Públicas; Desenvolvimento Territorial; Inovações Tecnológicas; Estratégias Concorrenciais; Produção de Vinhos em São Joaquim.

## ABSTRACT

The production of fine wines of altitude in the Municipality of São Joaquim, located in the Santa Catarina Plateau, was the object of this research, whose general objective was to analyze the role of public policies in the emergence of viticulture and in territorial development of the municipality. For that, the public policies that stimulated the dynamism in the sector were analyzed, enabling the incorporation of technology, making the activity extremely competitive in the state. The study presented here was oriented theoretically and methodologically by the categories of “socio-spatial formation” and “sustainable development”. The hypothesis presented in this research indicated that the accelerated expansion and high competitiveness of the fine wine of altitude sector in São Joaquim was a result of specific natural, social and cultural conditions, however, federal, state and municipal public policies were determinant in this process.

*Keywords:* Public Policies; Territorial Development; Technological Innovations; Competitive Strategies; Production of Wines in São Joaquim.

## INTRODUÇÃO

A produção da videira (*Vitis* spp. L.) é de grande relevância para o âmbito da fruticultura mundial, da mesma maneira, a sua aplicação na produção de vinhos é um segmento satisfatório nos países da Europa. No Brasil, a vitivinicultura está em crescente expansão, sua produção ocorre de forma bastante ampla por todo o país e ainda possui um grande mercado consumidor a ser atingido (MELLO, 2001).

No contexto da produção de fruticultura no Brasil, a uva apresenta grande importância econômica e social. As áreas de produção concentram-se, sobretudo, na região sul do Brasil, com destaque para os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, inclusive acessando mercados internacionais. A análise do desenvolvimento da produção de vinho na região vitivinícola do município de São Joaquim (SC) é o objeto desta pesquisa, o qual nas últimas décadas tem passado por um processo de transformação, em relevância a vitivinicultura, pela ainda recente produção de vinhos finos de altitude, tal como pela circulação de turistas à região atraídos pelas características naturais e sociais da região.

A área total do cultivo da videira no município no ano foi de 200 hectares, com um total de produção de 700 toneladas e rendimento de 3.500 kg/ha. Destes as matrizes genéticas mais utilizadas na produção de vinho são *Vitis* vinífera, variedades americanas e híbridas (IBGE, 2017).

Objetivo geral desta pesquisa foi analisar o papel das políticas públicas no desenvolvimento da produção de vinhos finos de altitude no Município de São Joaquim. Foram analisadas as políticas públicas federais, estaduais e municipais associadas ao setor, destacando-se o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND) e o Segundo Plano Nacional de Desenvolvimento (II PND). Também foram analisados o Programa da Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT), o Programa de Apoio à Fruticultura (PRODAFRUTA) e o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF).

As estratégias concorrenciais adotadas no setor foram analisadas, evidenciando a importância da inovação tecnológica para o dinamismo da atividade. Assim, a inovação nos processos de manejo nas áreas produtivas com a inserção da Produção Integrada (PI) e das câmaras refrigeradas para abastecimento torna os produtores extremamente competitivos.

Também foi analisada a importância da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), no fomento da pesquisa da fruticultura de clima temperado e seu papel na inversão de tecnologias para os pequenos e médios produtores de vinhos finos de altitude em São Joaquim.

A hipótese apresentada nesta pesquisa indicou que, a acelerada expansão, a elevada incorporação tecnológica e o aumento da competitividade do setor produtor de vinhos finos de altitude em São Joaquim foi resultado de condições naturais, sociais e culturais específicas, porém, as políticas públicas federais, estaduais e municipais foram determinantes no desenvolvimento deste processo.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A história não se escreve fora do espaço, portanto não há sociedade a - espacial. O espaço, ele mesmo é social. Logo, demonstra-se a impossibilidade de dissociar a dimensão espacial e a dimensão social desta categoria. Esta categoria diz respeito à evolução diferencial das sociedades, no seu quadro próprio e em relação com as forças externas de onde mais lhes provém o impulso. A base da explicação é a produção, isto é, o trabalho do homem para transformar, segundo leis historicamente determinadas o espaço com o qual o grupo se confronta (SANTOS, 1977).

O espaço na totalidade é uma matéria trabalhada por excelência. Nenhum dos objetos sociais tem tamanha imposição sobre o homem e nenhum está tão presente no cotidiano dos indivíduos. A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A práxis, ingrediente fundamental da natureza humana, é um dado socioeconômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais (SANTOS, 2008).

O espaço representa a totalidade social, ou seja, uma formação socioespacial resultado de um complexo de combinações de elementos naturais e humanos (CHOLLEY, 1964).

As estratégias concorrenciais adotadas no setor indicaram a importância da inovação tecnológica para o dinamismo da atividade, promovendo o processo de substituição de importações estimulado por políticas públicas.

O desenvolvimento sustentável é fundamentado na harmonização de objetivos sociais, ambientais e econômicos. Pouco se alterou desde a Conferência de Estocolmo em 1972, até a Conferência do Rio de Janeiro em 1992. Recomenda-se a utilização de oito critérios de sustentabilidade, sendo eles o critério social, cultural, ecológico, ambiental, territorial, econômico, político nacional e político internacional (SACHS, 2009).

O planejamento territorial é fundamental para o desenvolvimento, possibilitando a organização dos territórios, estimulando novas redes de produção local e de conservação do meio ambiente. O desenvolvimento rural sustentável deve promover o empreendedorismo, considerando as vantagens competitivas regionais e locais.

Um plano de desenvolvimento rural sustentável para ser efetivo necessita promover ações subvencionadas em três tipos, a aquisição de competência, programas de inovação rural e criação de redes. A aquisição de competência busca a prestação de apoio técnico, através de articulações intermunicipais, com participação das universidades, centros de pesquisa e organizações não governamentais. Os programas de inovação rural precisam priorizar as contribuições para o contexto local. A criação de redes deve ter o caráter solidário, promovendo o intercâmbio de conhecimento, articulando a aquisição de competência e os programas de inovação rural (VEIGA, 2003).

O desenvolvimento depende da cultura, na medida em que ele implica a criação de um projeto. Este não pode se limitar unicamente aos aspectos sociais e sua base econômica, ignorando as relações complexas das sociedades humanas e a evolução da biosfera. Estamos na presença de uma evolução entre dois sistemas que são regidos por escalas de tempo e escalas espaciais distintas. A sustentabilidade no tempo das civilizações humanas vai depender da sua capacidade de se submeter aos preceitos de prudência ecológica e de fazer um bom uso da natureza. A rigor, o desenvolvimento sustentável deve ser desdobrado em socialmente incluyente, ambientalmente sustentável e economicamente sustentado no tempo (VEIGA, 2005).

Novas estratégias para o desenvolvimento de sistemas produtivos estão emergindo em nível territorial. De um ponto de vista histórico, elas constituem uma nova forma de organização do setor econômico, objetivando enfrentar as mudanças na era da globalização. Essas possibilidades indicam um modelo de desenvolvimento territorial baseado nos conceitos de qualidade e especificidade. O território torna-se um espaço central de coordenação entre os atores interessados na resolução de problemas produtivos inéditos (PECQUEUR, 2009).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa apoiou-se em um referencial teórico e metodológico que possibilitou a compreensão da formação das áreas produtoras de vinhos em Santa Catarina, a competitividade do setor e suas relações com o mercado global do agronegócio.

Para tanto foram adotadas as categorias de “formação socioespacial” e “desenvolvimento sustentável” como os principais referenciais teóricos e metodológicos nesta pesquisa.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa foram divididos em duas etapas. Na primeira etapa foi adotado o caráter exploratório, com a intenção de ampliar o conhecimento sobre o tema, através de revisão sistemática e realização de entrevistas, que possibilitaram o acúmulo de informações disponíveis dos resultados de pesquisas realizadas sobre o desenvolvimento territorial e a vitivinicultura.

Na segunda etapa foi feita uma pesquisa descritiva e explicativa, de abordagem qualitativa, por meio de análise bibliométrica e das entrevistas semiestruturadas com importantes atores envolvidos no processo de desenvolvimento da produção de vinhos finos de altitude em Santa Catarina.

Foram entrevistados o engenheiro agrônomo responsável pelas pesquisas na produção de viticultura da Estação Experimental da Epagri de São Joaquim, o coordenador industrial da Sanjo Cooperativa Agrícola de São Joaquim, o enólogo da Vinícola Villa Francioni, a gerente da Vinícola Leone di Venezia, o administrador da Vinícola Suzin e o gerente da Vinícola D'alture. As entrevistas foram realizadas em outubro de 2016, agosto de 2017 e abril de 2018.

A pesquisa explicativa teve o objetivo de tornar determinado fenômeno compreensível, podendo ser usada para explicar por que determinado fenômeno ocorreu. Busca então esclarecer as causas dos fenômenos. Esse tipo de pesquisa tem como principal objetivo tornar algo inteligível, justificar as suas causas. Visa, portanto, esclarecer quais fatores contribuíram, de alguma forma, para a ocorrência de um determinado fenômeno (VERGARA, 2000).

O método dedutivo foi utilizado nesta pesquisa, pois, permitiu, a partir de uma imersão teórica aprofundada das dimensões que sustentaram as análises de dados, a comprovação das relações analisadas teoricamente (ECO, 2009).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Localizado no planalto serrano catarinense, o Município de São Joaquim pode ser considerado uma exceção no contexto rural brasileiro, pois alcançou nas últimas décadas excelentes resultados, tanto no que tange a aquisição de competência, quanto em relação à criação de programas de inovação rural e redes ligadas à vitivinicultura.

A produção de vinhos no Brasil apresenta uma polarização, evidenciando a concentração da produção na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Mesmo com a crise econômica da década de 1980 produzindo o fenômeno da hiperinflação, e na década de 1990 a abertura econômica ampliando a crise, o crescimento das atividades agroindustriais em Santa Catarina superou a média brasileira, pois não houve retração dos investimentos no setor. A participação das agroindústrias no PIB catarinense em termos absolutos manteve-se constante nas décadas de 1980 e 1990. Em 1985, a participação das agroindústrias no PIB catarinense era de 61,5%, e no ano de 1995 59,9% (MAMIGONIAN, 2011).

No ano 2000 a Epagri iniciou o projeto de Tecnologias para o Desenvolvimento da Vitivinicultura do Planalto Serrano, que envolve aspectos tecnológicos avançados com a finalidade de avaliar a adaptabilidade de espécies de uvas finas nas condições ambientais dos municípios da serra catarinense. O projeto implantou oito unidades de pesquisa nos municípios da região de São Joaquim, entre 893 e 1400 metros acima do nível do mar. O projeto já tem seus resultados efetivados. Atualmente, o estado de Santa Catarina tem grande possibilidade de destacar-se como produtora de vinhos finos de altitude no Brasil e possivelmente na América Latina. Os estudos com a uva Cabernet Sauvignon em São Joaquim apontam que o *terroir* do planalto serrano catarinense, é classificado único em todo o território nacional, o que possibilitam a elaboração de vinhos com coloração e aromas intensos, mais encorpados que a maioria das bebidas produzidas no Brasil.

O I PND e o II PND, associados às linhas de crédito do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) tiveram papel fundamental no processo de substituição de importações de bens de produção, propiciando o desenvolvimento de pesquisas capazes de estimular inovação tecnológica em diversos setores da produção industrial e agrícola (RANGEL, 2012).

Estratégias concorrenciais inovadoras, direcionadas ao desenvolvimento tecnológico, fomentadas por grandes investimentos em pesquisa científica são fundamentais para inserção de forma competitiva no mercado (FREEMANN, 1975).

Os países com industrialização tardia na América Latina, a exemplo do Brasil, são muito mais dependentes de políticas públicas que estimulem o desenvolvimento tecnológico e criem reservas de mercado interno para produzir condições para expansão industrial (PREBISCH, 2011).

Destacam-se políticas públicas que estimularam o setor da uva, como o I e II PND, o Programa da Fruticultura de Clima Temperado (PROFIT), o Programa de Apoio à Fruticultura (PRODAFRUTA) e o Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF).

No início da década de 1970, a política econômica era determinada pelo I PND, cujas prioridades incluíam a revolução na agricultura e no abastecimento. Nesse período são construídas diversas Centrais de Abastecimento (CEASAs) e são lançadas as bases do Programa de Corredores de Exportação. Em 1975 é lançado o II PND, que cria um aparato institucional de crédito e incentivos visando aperfeiçoar os pacotes tecnológicos agroindustriais.

Em 1969 foram tomadas as primeiras medidas para a execução do PROFIT, criado pela Lei 4.273 do Governo do Estado de Santa Catarina. Após uma série de negociações, firmou-se um convênio entre a Secretaria de Estado da Agricultura e a Associação de Crédito e Assistência de Santa Catarina (ACARESC) no ano de 1970, quando o PROFIT é publicado e tem início a sua execução. Segundo relatório do PROFIT de 1972, o valor financiado cobria entre 60% e 80% do total de despesas com a implantação de pomares e com sua manutenção nos três primeiros anos. Havia uma estreita vinculação entre o crédito e a assistência técnica, onde se condicionava à liberação do empréstimo à adoção pelo mutuário da moderna tecnologia nos pomares e pela aplicação dos recursos em mudas, fertilizantes, corretivos, defensivos, máquinas, construções e melhoramentos na propriedade rural (EMERIQUE, 2010).

As pesquisas com a fruticultura de clima temperado ampliaram-se ao longo dos anos de existência da EMPASC, entre os anos 1975 e 1990, com o surgimento de novas linhas de trabalho, aumento da equipe de pesquisadores, consultorias internacionais e cooperação técnica dos governos alemão e japonês. Uma reforma no setor público agrícola promove a fusão das atividades de pesquisa, extensão rural e pesqueira e de pesquisa e fomento agrícola, criando a atual Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI). Constituída no artigo 99 da Lei Estadual nº 8.245 de 1991, a EPAGRI. Aproximadamente 90% da receita anual da EPAGRI ser originária do Governo Estadual, sendo 90% dessa receita referente à folha de pagamento do órgão. No que se refere ao custeio e aos investimentos, os recursos do governo estadual não ultrapassam 6%, tendo a sua maior parte custeado por recursos federais, em especial o Programa Nacional de Agricultura Família (PRONAF), além de outras fontes, referentes a convênios, associações e cooperativas, como por exemplo, a ABPM e recursos obtidos com a venda de sementes, produtos e publicações técnicas (EMERIQUE, 2010).

No Brasil, devido às limitações de *terroir*, algumas vinícolas estão explorando a produção de vinhos finos de altitude no Estado de Santa Catarina, que apesar de não situar-se na zona de clima temperado, surpreendeu especialmente os pesquisadores da Epagri por apresentar no cultivo das uvas da variedade *Vitis vinifera*, condições de clima e solo favoráveis à produção do vinho fino. A altitude da região vitivinícola de São Joaquim proporciona elevada amplitude térmica com temperaturas noturnas amenas, influenciando no metabolismo da videira, retardando o amadurecimento dos frutos, reduzindo o crescimento das plantas e permitindo a maturação fenólica mais completa. Os estudos realizados para a análise do comportamento da uva *Cabernet Sauvignon* em São Joaquim indicaram que as condições climáticas do planalto catarinense, únicas em todo o território nacional, possibilitam a elaboração de vinhos com coloração e aromas intensos, mais encorpados que a maioria das bebidas produzidas no Brasil (LOSSO, 2010).

Em razão do regime térmico, a duração do período que vai da brotação à colheita das uvas é maior em São Joaquim quando comparado com outras regiões vitícolas brasileiras. Para exemplificar, o período da brotação à colheita em São Joaquim dura em média 189 dias para a casta *Cabernet Sauvignon*, enquanto que na Serra Gaúcha ele é de 152 dias (BRIGHENTI e TONIETTO, 2004).

Conforme o relato do engenheiro agrônomo da Epagri de São Joaquim, a região vem enfrentando problemas em épocas de maior turismo, por não suportar a demanda de hospedagens, rodovias precárias e a pequena parcela de estabelecimentos que atendem os turistas fora de agendamentos. Por outro lado, existe na região características excepcionais e favoráveis a atividade da produção de vinho, e que estas geram oportunidades e possibilidades, devido ao potencial de expansão do mercado interno, o reconhecimento à qualidade dos vinhos produzidos e as condições climáticas favoráveis.

O engenheiro agrônomo afirma que o município tem se empenhado para melhorias e que a atividade da produção de vinhos finos de altitude tem sido um dos fatores significativos nessa dedicação, a exemplo da criação de pequenas pousadas dentro das vinícolas, como na Vinícola Leone di Venezia e na Vinícola D'alture, ambas localizadas no Município de São Joaquim.

Foi relatado também, que algumas vinícolas optam por terceirizar a produção, com o objetivo de diminuir o investimento inicial e diluir os custos fixos. Dessa maneira, ainda ganham tempo para consolidar seu nome em um mercado de retorno em longo prazo. Afirmou que atualmente quinze empresas da região estão no segmento de terceirização, e que existem apenas seis vinícolas dentro da área industrial, e que a vinícola Villa Francioni é a única no estado com tecnologia de transporte por gravidade da uva, mosto e vinho.

O engenheiro ressaltou que, tanto em caves construídas no subsolo onde se obtém a temperatura de frio naturalmente, como as caves artificiais onde estas são controladas, as vantagens e efeitos são os mesmos. Porém os efeitos da satisfação visual que terá um visitante à cave no subsolo é o diferencial. Ressalta ainda, que o receptivo e a parte de vendas são relevantes para manter os visitantes por mais tempo na propriedade.

Contudo, segundo o engenheiro da Epagri, os produtores reclamam do atraso no retorno dos seus investimentos, e que estes dependem das políticas específicas de apoio para tanto. O Banco Nacional do Desenvolvimento Regional (BRDE) instituídas pelo BNDES é a principal linha de crédito dos vitivinicultores do município, proporcionando incremento na produtividade com melhorias nos padrões de qualidade, tanto na produção, quanto na comercialização da fruticultura de clima temperado. Destacou também a importância da Estação Experimental da Epagri de São Joaquim no desenvolvimento da pesquisa em fruticultura de clima temperado e na assistência técnica rural, oferecendo cursos de profissionalização em videira, na qual os fruticultores são treinados em aspectos relacionados desde a implantação de pomares até a sua comercialização. O pesquisador, ainda enfatizou que indiretamente a estrutura projetada para atender a produção de maçã na região, atualmente atende com os mesmos técnicos e especialistas em determinadas áreas com estrutura montada para outras frutas.

Foi explanado pela gerente da Vinícola Leone di Venezia que a forte ligação da família do proprietário com a vitivinicultura o levou a estudar agronomia, com o objetivo de montar sua cantina. Morou um ano na Itália, onde estudou enologia no Centro Regional para a Viticultura e Enologia, em Conegliano Veneto. Instalada em uma área de 15 hectares no Município de São Joaquim, numa altitude média de 1280 metros, a vinícola está integrada a paisagem do Morro Agudo e Vale do Rio Antonina.

Em 2008 iniciaram os trabalhos de infraestrutura e o plantio das primeiras parreiras. Os vinhedos somam cinco hectares, plantados com 26 variedades italianas, sendo um diferencial na região, já que nas vinícolas da região predominam as variedades francesas, com destaque para as uvas Montepulciano, Sangiovese, Primitivo e Garganega. A condução é em espaldeira com proteção lateral de telas anti granizo, mas que protegem também do ataque de insetos e pássaros. São utilizadas as mais modernas práticas agrícolas com a preocupação permanente da preservação do meio ambiente. A arquitetura da vinícola foi inspirada no palácio italiano Villa di Maser, uma obra prima de Andrea Palladio, arquiteto vicentino, que imprimiu com sua genialidade o estilo construtivo que marca até hoje a arquitetura da Itália, incorporando importantes mecanismos de conforto ambiental, aproveitando iluminação natural e circulação de ar. A vinícola possui quatro confortáveis suítes para hospedagem no período da vindima, entre os meses de março e abril.

Conforme informações do gerente da Vinícola D'alture, a família Chavez vem cultivando uvas e produzindo vinhos a mais de um século, quando iniciou sua trajetória no Vale de Tarija, localizado no sul da Bolívia, numa altitude de 2000 metros. Estes vales são conhecidos por serem os vinhedos mais altos do mundo, e mais antigos das Américas. Em 2008, à procura de novas oportunidades, buscando manter as tradições familiares, a fim de estabelecer-se na Serra Catarinense, local onde adquiriu as terras onde hoje se encontram os vinhedos D'alture, propriedade esta, que possui condições muito semelhantes aos cultivos da Bolívia, onde a história vinicultora da família teve seu início.

Os vinhedos D'alture tiveram seu plantio iniciado em 2001 e hoje contam com mais de 14 hectares de uvas Cabernet Sauvignon, Merlot, Sauvignon Blanc, Chardonnay, Malbec, Montepulciano e Sangiovese, sendo a única da região que utiliza tanto uvas francesas quanto uvas italianas. Um restaurante e uma pousada estão em construção dentro da vinícola, com o objetivo de fortalecer o enoturismo.

Segundo relato do coordenador industrial da Sanjo Cooperativa agrícola de São Joaquim, a Sanjo foi fundada em 1993 por 34 fruticultores imigrantes e descendentes de japoneses. Atualmente, a Sanjo é a maior cooperativa de maçãs em Santa Catarina. Possui 83 cooperados e produz aproximadamente 33 mil toneladas de maçãs Fuji e Gala, sendo 70% da produção de Fuji e 30% da produção de Gala. A Sanjo teve sua origem com a chegada de produtores da Cooperativa Agrícola de Cotia, que foi fundada ao final da década de 1970 por imigrantes japoneses e beneficiou-se do intercâmbio tecnológico com o Governo Japonês. A Sanjo foi pioneira na produção de mirtilo no Município de São Joaquim, iniciando a produção em 2003, sendo adaptada no Brasil pela EMBRAPA a partir de 1993. A goiaba serrana é comercializada desde 1998 pela Sanjo e sua colheita coincide com a da maçã Fuji (março e abril) em São Joaquim. As mulheres cooperadas da Sanjo produzem e comercializam derivados de frutas, como geleias de mirtilo, goiaba serrana e physalis. A cooperativa foi a primeira a lançar no mercado interno e externo as maçãs com o selo PIM - Produção Integrada da Maçã.

O coordenador industrial da Sanjo ressaltou que a partir de 2002, o capital particular de 23 cooperados da Sanjo deu origem aos investimentos da Sanvit (Sanjo Vinhos), produzindo em vinhedo coletivo aproximadamente 90 toneladas do fruto e 100 mil litros de vinho anualmente, utilizando-se dos mesmos processos de qualidade e tecnologia da maçã, que integram os valores essenciais de sua fruticultura. As variedades das uvas utilizadas para elaboração dos vinhos atualmente são a Cabernet Sauvignon, Merlot, Chardonnay, Sauvignon Blanc, Moscato, Malbec e Pinot Noir.

Além do importante papel dos órgãos de pesquisa, obviamente as linhas de crédito auxiliaram alguns empresários a implantarem seus vinhedos ou a adquirir equipamentos para o cultivo da uva européia. O BRDE opera com as linhas de crédito instituídas pelo BNDES, entre elas o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) e o Programa de Desenvolvimento da Fruticultura (PRODEFRUTA), com vistas a que tais investimentos proporcionem o incremento da produtividade e da produção, assim como as melhorias do padrão de qualidade e das condições de comercialização dos produtos frutícolas. Cabe ressaltar que estas linhas de financiamento não foram estabelecidas especificamente à vitivinicultura e muitas vezes o prazo de carência precede significativamente ao tempo de retorno de tais investimentos, já que além de cultivar a uva, o vinho é produzido, e normalmente, as primeiras safras que serão aproveitadas para a comercialização e lançamento de um primeiro vinho ocorrem depois de 3 ou 4 anos do vinhedo instalado (LOSSO, 2010).

O enólogo da Villa Francioni relatou que a vinícola é a maior de Santa Catarina e principal atração turística de São Joaquim, colocando a Serra Catarinense entre os tops produtores de vinhos no Brasil. A vinícola foi formada em 2004 com empreendimentos e investimentos do empresário Manoel Dilor Freitas.

Também foi relatado pelo enólogo que a vinícola possui de 50 hectares de vinhedos, plantadas desde o ano de 2000 com mudas importadas da Europa, fornecendo uma variedade de castas de uva entre 8 tintas e 2 brancas respectivamente, tais estas: Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc, Merlot, Pinot Noir, Petit Verdot, Malbec, Syrahe, Sangiovese, Chardonnay e Sauvignon Blanc. Na sua obsessão pela qualidade, a vinícola só vinifica uvas de sua própria produção. Os estádios de produção estão em níveis diferentes, aplicados em uma tecnologia de fluxo gravitacional em todas as suas possibilidades, numa construção com 6 desníveis. Seu investimento introdutório superou os R\$ 3 milhões, possuindo 4.478 m<sup>2</sup> de área construída e capacidade de industrializar mais de 300 mil garrafas por ano.

A tendência das empresas vitivinícolas instaladas na região de São Joaquim é de produzir vinhos de excelente qualidade, direcionados a segmentos de maior exigência qualitativa e maior poder aquisitivo. Para tanto, estes produtores visam o mercado interno, mas também futuramente, o setor de exportações. Contudo, tal empenho pressupõe que, para os vinhos de São Joaquim competirem em paridade com regiões consolidadas em nível nacional, bem como com o potencial dos vinhos importados, a produção joaquinese deve possuir ou desenvolver um conjunto de recursos e competências que lhe garantam incorporar estratégias concorrenciais adequadas com a competitividade que o setor necessita (LOSSO, 2010).

O administrador da Vinícola Suzin salientou que os vinhedos foram implantados em 10 hectares e geram uma produção de 40 a 50 toneladas de uvas viníferas, dentre as quais 20 toneladas são transformadas em vinhos pela Suzin, e o restante é comercializado in natura. A empresa especializou-se na produção de Cabernet Sauvignon, Merlot, Pinot Noir e Sauvignon Blanc. Por não deter dos processos produtivos do vinho, a Suzin terceiriza a sua produção, enviando as uvas para o Município de Videira, localizado no Vale do Rio do Peixe, para que sejam processadas pela Vinícola Santa Augusta.

A questão da mão de obra foi vista pelo administrador como um problema, porque o custo é elevado e a qualidade é baixa. Em relação à necessidade de mão de obra, ele relatou que mantém 16 trabalhadores o ano inteiro, já nos períodos de raleio e colheita o número de trabalhadores sobe para 50. Em razão da sua característica de produção, as videiras recebem um tratamento diferenciado, como a seleção de cachos e colheita manual.

Em relação ao mercado nacional, destacou-se no relato do administrador da Vinícola Suzin um fato negativo, associado às questões climáticas, em razão do aumento do período de chuvas e ocorrência de geadas, atrapalhado a expansão da atividade. Porém, analisando a conjuntura econômica atual, principalmente em função da política de juros, verificou-se que a venda do vinho nacional teve aumento.

A vitivinicultura de altitude de São Joaquim realizou significativos acertos no processo de desenvolvimento do setor. A identificação de recursos naturais diferenciados apresentou-se como um fator capaz de gerar vantagens competitivas significativas, estruturando a atividade produtiva com foco na segmentação de mercado. O suporte de instituições de pesquisa como mecanismo de desenvolvimento do setor, somada a articulação entre os recursos disponíveis, com maiores investimentos em publicidade, visando à afirmação das indicações geográficas, confirmaram a criação de um produto diferenciado no país (LOSSO, 2010).

## CONCLUSÃO

É fundamental pensarmos na difusão de um modelo de desenvolvimento territorial, que privilegie a implantação de um sistema descentralizado, orientado por uma nova relação entre o rural e o urbano, que valorize os municípios de porte intermediário e suas articulações com municípios menores do seu entorno. Defende-se a ideia de que esse sistema apresenta um estreito vínculo com a adoção de uma política de descentralização político-administrativa do Estado, concebida para a elaboração e implantação do planejamento microrregional.

O Brasil apresenta uma polarização nas áreas produtoras de vinhos, concentrando-se, sobretudo, nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Em Santa Catarina destaca-se o Município de São Joaquim, já no estado do Rio Grande do Sul a produção de vinhos finos concentra-se no Município de Bento Gonçalves.

O Município de São Joaquim foi influenciado pelas favoráveis condições naturais do planalto catarinense para adaptação da produção de uvas finas, como elevadas altitudes, acima dos 1000 metros e latitude subtropical.

Porém foram determinantes no desenvolvimento da produção de vinhos finos de altitude no Município de São Joaquim à presença de importantes políticas públicas, entre elas, o I PND, o II PND, o PROFIT, o PRODEFRUTA e o PRONAF, pois possibilitaram a inversão de tecnologias para o setor macieiro, estimulando estratégias concorrenciais inovadoras para as grandes empresas e cooperativas ligadas à produção de vinhos finos de altitude.

Atualmente vinte e uma empresas estão ligadas a produção de vinhos finos de altitude na região do Município de São Joaquim.

Existem apenas seis vinícolas dentro da área industrial do município, e a Vinícola Villa Francioni é a única em Santa Catarina com tecnologia de transporte por gravidade da uva, mosto e vinho. Já a Cooperativa Sanjo representa o sucesso do cooperativismo de pequenos produtores rurais na produção e vinhos finos de altitude.

No segmento de terceirização são 15 empresas atuando na região, a exemplo da Vinícola Suzin. Algumas vinícolas optam por terceirizar a produção, com o objetivo de diminuir o investimento inicial e diluir os custos fixos. Dessa maneira, ainda ganham tempo para consolidação da marca em um mercado de retorno em longo prazo.

A construção de infraestruturas dentro das vinícolas para hospedagem e realização de eventos têm se mostrado uma tendência que deve fortalecer o desenvolvimento do setor, estimulando a expansão do enoturismo no Município de São Joaquim, tornando a região o mais importante pólo de produção de vinhos finos de altitude em Santa Catarina, fortalecendo a formação de uma sólida cesta de bens e serviços disponibilizada aos turistas e estimulando o desenvolvimento territorial sustentável nas comunidades locais.

## REFERÊNCIAS

- BRIGHENTI, E.; TONIETTO, J. **O clima de São Joaquim para a viticultura de vinhos finos**: classificação pelo sistema CCM geovitícola. Anais do Congresso Brasileiro de Fruticultura. Florianópolis, 2004.
- CHOLLEY, A. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. **Boletim Geográfico**. Nº 180. Rio de Janeiro, 1964.
- ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- EMERIQUE, L. P. **A Produção de Maçãs no Sul do Brasil**. Cadernos Geográficos. Nº 21. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2010.
- FREEMANN, C. **La Teoría Económica de la Innovación Industrial**. Madrid: Alianza Editorial, 1975.
- IBGE. **Produção Agrícola Municipal 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 05 de setembro de 2017.
- LOSSO, F. B. **A produção de vinhos finos de altitude na região vitivinícola de São Joaquim (SC)**: uma alternativa para o turismo? Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2010.
- MAMIGONIAN, A. **Santa Catarina**: estudos de geografia econômica e social. Florianópolis: GCN/CFH/UFSC, 2011.
- MELLO, L. M. R. **Cadastro Vitícola**. Bento Gonçalves: Embrapa Uva e Vinho: Ibravin, 2001. PECQUEUR, B. A guinada territorial da economia global. **Revista Política e Sociedade**. Florianópolis: UFSC, 2009.
- PREBISCH, R. **A construção da América Latina e do Terceiro Mundo**. São Paulo: Contraponto, 2011.
- RANGEL. I. **Obras Reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SACHS, I. **Caminhos para o Desenvolvimento Sustentável**. Coleções Ideias Sustentáveis. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2009.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SANTOS, M. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1977.
- VEIGA, J. E. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2003.
- VEIGA, J. E. **Desenvolvimento sustentável**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2000.